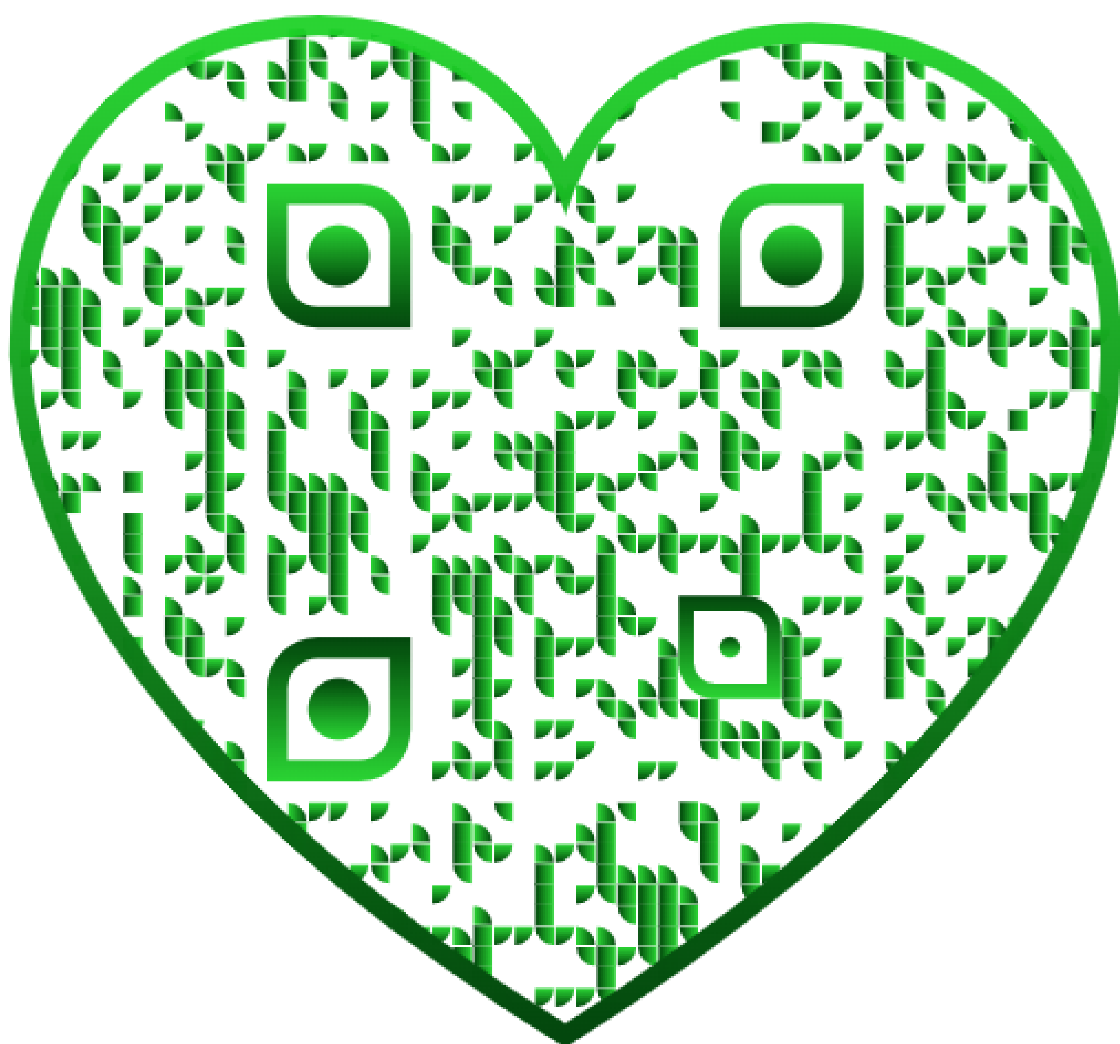
O amor transpõe barreiras que vão além do nosso conhecimento. Atinge o coração, alcança a alma e escapa para as estrelas.

Princípio, Fim & Estrelas

CAÍQUE BARRETO

EDITORA MOTRES



O amor transpõe barreiras que vão além do nosso conhecimento.
Atinge o coração, alcança a alma e escapa para as estrelas.

Princípio, Fim & Estrelas

CAÍQUE BARRETO



2019 © Caique Barreto
Princípio, Fim & Estrelas
1ª Edição – 2019
Preparação de originais: Caique Barreto
Projeto Editorial: Editora Motres
Revisão: Cecilia Cruz

e-ISBN 978-65-5001-016-4

Todos os direitos reservados. Esta é uma obra de ficção. Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida, seja por meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou qualquer tipo sem prévia autorização por escrito do autor. Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, lugares e acontecimentos é mera coincidência.



“O amor transpõe barreiras que vão além do nosso conhecimento. Atinge o coração, alcança a alma e escapa para as estrelas.
Por ser algo tão sublime, despedir-se dele nos torna vulneráveis.”

Princípio, Fim & Estrelas



No alto de uma colina, Arthur sentou-se ao lado da esposa em um banco rústico de madeira, enquanto a brisa quente do fim de tarde passava pelo seu rosto tomado de exaustão.

Laura se aninhou no peito do marido, sentindo aqueles últimos momentos que havia passado com ele chegando ao fim. Alguns meses atrás, se alguém a observasse com o cabelo achocolatado e um sorriso tão cheio de vida, não a reconheceria naquele momento tão frágil, envolvida por um cobertor.

A única parte que ainda não havia mudado naquela mulher era o sorriso, que ainda persistia.

— Olhe para o céu — pediu ela, com a voz melódica e breve.

Arthur olhou para Laura, antes de fixar os olhos um pouco para cima.

Os dois observavam o céu de cores matizes, enquanto o sol, sem pressa, se escondia entre os morros que preenchiam o horizonte.

— Esse é o início do infinito que sinto por você — disse Laura, agora o observando, assim como na primeira vez que o viu. — Eu te amo!

As lágrimas que Arthur tanto reprimia por horas começaram a escorrer. Ele ficou entorpecido por aquelas palavras cheias de significado que tanto conhecia.

Sem a esperança, que havia perdido há muito tempo, ele admirou o rosto de sua amada.

— Como irei sobreviver sem você? Como posso continuar?

Seus olhares se encontraram. Arthur já sabia a resposta daquelas perguntas, mas a dor fez com que ele não pensasse.

Laura suspirou. Ela sabia que o amor foi a única força que sobrou para sustentá-los.

— Você tem que ter fé e esperança — disse com a voz fraca, voltando a falar depois de um longo minuto — de que um dia possamos nos ver de novo.

Laura afagou o rosto de Arthur, sabendo com paciência que o seu momento estava chegando.

Ela continuou.

— A vida vai prosseguir para você... e a maior prova do nosso amor está nos esperando, tendo belos sonhos.

Arthur passou a mão no seu rosto molhado. Ele sentia que era isso que Deus tinha planejado, e mesmo sem entender os planos d'Ele, Arthur teria que ter forças para cuidar do filho, a única lembrança viva do seu amor por Laura.

Ele respirou fundo. Inundado, de repente, em pensamentos do passado, permitiu que todas as lembranças, boas e ruins, tomassem sua mente, enquanto via o reflexo do sol no olhar dela.

— Porque eu? — perguntou dispensando aquelas lembranças. — No meio de tantos outros caras, por que justo o que não tinha nada para lhe oferecer?

Num silêncio pensativo, Laura o olhou por alguns segundos, voltando a observar o horizonte.

— Se Deus me permitisse continuar, eu escolheria você — ela sussurrou. — Se minha vida prosseguisse hoje, eu ainda te amaria.

Arthur assentiu. Ele tinha certeza agora que Laura o escolheria, mesmo errando várias vezes, mesmo não tendo nada para oferecer.

Ela delicadamente se afastou um pouco do calor do corpo de Arthur, levando a mão fraca ao bolso do casaco de lã que usava, puxando de lá um papel dobrado.

— Encontrei algo tempos atrás, e hoje seria o dia ideal para lê-lo — disse, tomando fôlego, já desdobrando o papel surrado.

Arthur apenas balançou a cabeça, se mostrando curioso.

Laura começou a ler suavemente:

Isso tudo não é o fim.
Tudo tem um propósito.
Não sabemos agora qual é,
mas um dia descobriremos juntos.
Sei que um fio de cabelo não cai
sem que Deus assim permita,
assim Ele permitiu nos unir como
um só, pois é isso que o amor é: união.
Contudo existe um princípio e um fim,
fim esse que será saciado na eternidade,

onde esta saudade ficará no passado.
Nosso amor foi um plano perfeito
que deu certo. Obrigado por esse
presente...

Arthur fechou os olhos, antes que seus braços começassem a envolver os ombros de sua amada. Um beijo longo e sereno entre os dois completara aquele fim de tarde.



Arthur segurou Laura nos braços até o carro. No caminho até a casa onde viveram os melhores e os piores momentos de suas vidas, ele recordava dos dias que tinha passado com ela.

A primeira lembrança do primeiro beijo; o casamento; as noites juntos; o nascimento do filho, da alegria de vê-lo nos braços de Laura. Mas logo vieram as lembranças tristes, a mais dolorosa de todas, quando Laura desmaiou e logo receberam a notícia da sua grave doença.

Ele parou de lembrar, voltou os olhos para a mulher que tanto apreciava, sentada no banco do passageiro, sonolenta.

Arthur sabia que teria de manter a promessa de ser forte.

Ele estacionou o carro em frente à casa de madeira e tijolos, pintada de amarelo vivo. Carregou Laura até o quarto, agora acordada, gemendo um pouco com a dor que surgia. A morfina estava perdendo o efeito.

— Acorde Davi para mim — disse ela, com a voz cada vez mais fraca.

Arthur balançou a cabeça devagar, num sim.

— Volto agora — falou, beijando-a na testa antes de sair.

No outro cômodo, o pequeno Davi dormia. Sua fisionomia e seu cabelo castanho claro tomado de pequenos cachos encaracolados sempre faziam Arthur lembrar Laura.

— Filho! — chamou ao lado da cama marfim rodeada de bichinhos de pelúcia.

Davi, com os olhos despertados, focou seriamente o pai.

— Papai, eu quero ver a mamãe — disse ele, já se levantando.

Arthur assentiu. Um pequeno sorriso saiu, admirando o filho ansioso,

desejando ver a mãe.

— Vamos. Ela também quer vê-lo.

Ele o segurou nos braços e andou em direção ao quarto, onde Laura os esperava.

Assim que chegaram ao corredor, a enfermeira que cuidara de Laura desde que sua doença tinha avançado estava na porta.

Arthur sabia o que ela estava fazendo. Aguardando os dois para dar a notícia.

— Como ela está, Luísa? — Arthur perguntou, olhando para a enfermeira com seu jeito sempre acolhedor.

Ela inflou os pulmões e soltou um breve suspiro.

— Esperando por vocês...

Antes que ela terminasse de falar, Davi saltou do colo do pai, correndo para dentro do quarto.

Arthur entrou em seguida, vendo suas joias tão preciosas se abraçando, cheios de afeto. Ele se aproximou daquela cena, fazendo seu coração disparar como uma locomotiva.

Luísa fechou a porta.

— Tive um sonho, mamãe! — disse Davi, olhando para os pais numa expressão triste.

Uma lágrima escorreu no rosto do pequeno.

— Não chore, filho — falaram Laura e Arthur ao mesmo tempo.

Arthur se sentou na cama ao lado da esposa assim que Davi passou as mãozinhas no rosto, dando um precioso sorriso para os dois.

— Eu, você e papai — Davi começou a narrar o sonho — estávamos em um lugar bonito, parecendo o céu, cheios de luzes e papais e filhinhos brincando num belo jardim imenso. — Ele olhou para a mãe. — Depois um homem com uma roupinha branca desceu das nuvens e disse para o papai e eu que estava na hora de você ir, mamãe.

As lágrimas que Arthur tentava poupar começaram a escorrer devagar, enquanto aquelas palavras que seu filho acabava de dizer adentravam sua mente.

— E o que aconteceu, filho? — perguntou Laura, adorando ouvir o sonho do menino.

Os dois sorriram. Davi continuou.

— O papai e eu abraçamos você, e o homem nos abraçou também, dizendo que logo poderíamos nos reunir novamente. Aí depois você e ele flutuaram para o céu.

Arthur olhou atordoado para a esposa.

— Filho, você sabe que a mamãe te ama muito. — Ela parou, sentindo o seu interior palpitar. Laura prosseguiu com a voz fraca. — Saiba que você sempre pode me sentir aqui. — Indicou com os olhos o coração dele.

— Eu sei — Davi confirmou, abraçando-a com cuidado, para que ela não sentisse dor.

Os três se aninharam. A hora tinha chegado.

— Saibam que eu amo muito vocês — disse Laura, segurando as mãos dos dois com toda força que restava.

Arthur afagou sua mão, encostando seus lábios nos dela pela última vez.

— Eu amo você, mais que a minha própria vida, Laura. Por todo o sempre — sussurrou.

Laura elevou os lábios, soltando um curto sorriso. Olhou para os rostos das pessoas que fizeram com que ela se sentisse viva, inteira novamente. A afeição reinava em seu coração, junto à alegria de ir em paz, sem medo de deixá-los naquele instante.

Suas mãos ficaram leves.

Arthur fechou os olhos, reprimindo um choro compulsivo que surgia.

— Vai com Deus, mamãe — disse Davi baixinho, segurando agora a mão do pai. — Não chore papai, a mamãe está nos nossos corações.

Arthur discerniu aquelas palavras, abrindo os olhos com a dor da perda se alastrando pelo seu corpo.

Através da janela aberta, a lua se prendia junto às estrelas. Ele olhou para fora, observando o céu noturno e silencioso. As lembranças de Laura voltaram a alagar sua mente, visões perfeitas do que havia passado ao lado dela.

Em algum lugar naquela paisagem, Arthur sentiu que sua amada se completara no meio das mais belas estrelas.

Agradecimentos

A Deus, que mesmo olhando para as minhas imperfeições, tem cuidado de mim. À minha família, que me ensinou o mais puro amor, aos meus amigos por estarem ao meu lado nos dias bons e ruins, e para a pequena Giovanna, que veio alegrar ainda mais a minha vida.